

# AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TDICs) NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO.

Diego Alves de Jesus<sup>1</sup>

Gina Maria Imbroisi Teixeira<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é identificar e analisar como as novas tecnologias e suas mais atuais mídias (*smartphones*, *tablets*, computadores, redes sociais, aplicativos, Internet e etc.) se inserem na educação, especificamente dentro da sala de aula no Ensino Médio. Esta pesquisa explicará e apresentará exemplos de como esses meios de comunicação e informação podem garantir uma maior qualidade e eficácia no que tange à educação, especialmente no ensino da língua inglesa. Para isso, foram realizadas algumas pesquisas *online* em diversos sites, dos quais foram extraídas informações sobre o tema abordado e, inclusive, resultados obtidos nas escolas como consequência dessas novas práticas no ensino na língua inglesa; a partir dessas pesquisas, os dados recolhidos foram analisados. No que diz respeito ao referencial teórico, foram discutidos os conceitos de cibercultura, ciberespaço e, também, sobre o uso da tecnologia na educação, levando em consideração algumas citações e argumentos de teóricos como o filósofo francês Pierre Levy, o sociólogo Edgar Morin, o professor Luís Carlos de Menezes, entre outros da área. Como resultado, as pesquisas afirmam que o uso das novas tecnologias dentro da sala de aula influenciou de forma significativa na eficácia do aprendizado, que com essas novas práticas a imersão dos alunos nas aulas tem se tornado algo muito mais frequente e que as novas mídias tecnológicas têm sido grandes aliadas no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa.

**Palavras-chave:** Cibereducação. Cibercultura. Tecnologia. Educação

---

<sup>1</sup> Aluno de graduação em Letras - Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas literaturas – pela UNIJORGE. diegoalvesdejesus21@hotmail.com.

<sup>2</sup> Prof.<sup>a</sup> Graduada em Licenciatura em Letras Vernáculas com Inglês pela Universidade Católica do Salvador, pós-graduada em Mídias na Educação, especialista em Consultoria em Educação para o trabalho e especialista em tradução Inglês / Português - Português / Inglês.

## INTRODUÇÃO

Este estudo objetiva identificar e analisar como as novas tecnologias contribuem para o ensino da língua inglesa nas escolas, baseando-se em pesquisas *online* e, também, em referenciais teóricos que possuem grande propriedade no assunto, como por exemplo os sociólogos e também filósofos Pierre Levy e Edgar Morin.

Quando pensamos em Ensino Médio, pensamos em adolescentes que se encontram em fase de autoconhecimento, onde as suas vontades de conhecer, experimentar, entender, debater e compartilhar estão à tona. Assim, a inquietude toma conta desses jovens e fica cada vez mais difícil trabalhar o aprendizado de forma tradicional, com um simples quadro, piloto e livro. Os educandos de hoje requerem abordagens revolucionárias quando o assunto é ensino.

Ora, como atrair, então, a atenção de jovens alunos que buscam pelo novo, pelo fora do comum e que sentem a necessidade de interagir e compartilhar as suas ideias? É difícil pensar em fazer tal coisa quando nos prendemos ao tradicionalismo, em uma sala de aula com livros e cadeiras organizadas em fileiras lado a lado.

Diga-me, o que você sentiria se passasse dez anos comendo arroz e, de repente, experimentasse uma lasanha? Você sentiria prazer em comer a lasanha porque é algo novo, porque é diferente, porque o seu paladar saiu do comum e sair do comum atrai, agrada; e à medida em que mais pratos diferentes fossem surgindo, mais prazer você sentiria em comer e mais vontade teria de conhecer novos pratos.

Portanto, faz-se necessário um estímulo diferente para que o adolescente possa interagir em sala de aula e, conseqüentemente, aprender. O que o professor pode trazer de novo para suscitar esse estímulo no aluno? Simples: novas práticas de ensino e que também estejam associadas às práticas sociais do aluno, conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), a educação escolar deverá estar filiada ao mercado de trabalho e à atividade social, ou seja, A LDB põe como objetivo das práticas educacionais preparar o discente para o exercício da cidadania e para o trabalho. Para isso, fica óbvio a educação deve estar vinculada ao mundo do trabalho e – dando destaque para este outro – à prática social.

Pierre Levy (2013, s.p.), em uma entrevista para a *Revista Gestão Educacional*, afirma que “a própria internet é uma memória de produção coletiva. [...] A escola do futuro será a escola social, onde a aprendizagem será colaborativa”. Com isso, Levy fala sobre a “inteligência coletiva”, o que seria um compilado de pensamentos de várias pessoas compartilhado com

várias outras pessoas através de recursos digitais, como a *Internet*. Na própria *Internet* os usuários produzem conteúdo a partir da interatividade, ou seja, a partir da prática social.

Então, as TDICs proporcionam práticas sociais que facilitam e contribuem para um aprendizado de qualidade que não é feito só em sala de aula, mas um aprendizado contínuo dentro e fora do espaço escolar.

Para Levy (1999, p.11), “[...] o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem”. Já em uma entrevista promovida pelo *O Globo*, Morin (2014, s.p.) afirma que “através da *Internet*, os alunos podem ter acesso a todo o tipo de conhecimento sem a presença de um professor. [...] Ele deve ser o regente da orquestra, observar o fluxo desses conhecimentos e elucidar as dúvidas dos alunos”. Com as ferramentas das novas tecnologias (*smartphones*, computadores, *tablets*, *notebooks* e etc.) e suas funcionalidades (redes sociais, acesso às informações e visualizações de várias localidades do mundo e etc.), há uma construção de uma comunidade. Não me refiro a uma comunidade num espaço físico, não é uma comunidade no sentido geográfico (bairro, cidade e etc.), mas no sentido universal; uma comunidade universal. Esse grupo diversificado e que faz parte de uma comunidade intercultural, abre portas para uma nova forma de aprender, especificamente no que tange ao aprendizado de novas línguas.

Este estudo está organizado em duas partes: “As TDICs, o Professor e os seus respectivos papéis na educação” e “As TDICs em L.I”.

O objetivo da primeira parte é explanar sobre as TDICs, explicar e apresentar argumentos de autores que discutem sobre o uso das mesmas nas práticas educacionais e apresentar o novo papel do professor nessa nova atmosfera tecnológica.

O objetivo da segunda parte é explicar como as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação podem contribuir, auxiliar e facilitar o ensino da Língua Inglesa, com embasamento em referenciais teóricos e em dados que foram recolhidos da *Internet*.

Por último, as considerações finais.

## **2 AS TDICs, O PROFESSOR E OS SEUS RESPECTIVOS PAPEIS NA EDUCAÇÃO**

### **2.1 O QUE SÃO AS TDICs E COMO SURTIRAM**

O termo “tecnologia” vem do grego *tekhne*, que significa “técnica, ofício, arte”, já o seu sufixo “logia”, significa “estudo”. Pode-se, portanto, definir “tecnologia” como sendo um compilado de processos, técnicas, instrumentos e meios que visam a resolução de um ou mais

problemas. Alguns exemplos de tecnologia são: quadro, lápis, cadeira, papel e etc. Para Lévy (2004, p.2) “um dos principais agentes de transformação das sociedades atuais é a técnica. Ou melhor, as técnicas, sob suas diferentes formas, com seus usos diversos, e todas as implicações que elas têm sobre o nosso cotidiano e nossas atividades”.

Já a tecnologia digital é composta de materiais eletrônicos que estabelecem sua performance em uma racionalidade binária. Qualquer dado adquirido por este equipamento eletrônico é processado e guardado a partir de dois valores lógicos, ou seja, o número 0 e o número 1. A palavra “digital” é originário do significante em latim *digitus*, que tem como significado “dedo”. Alguns exemplos, portanto, de tecnologia digital são: *pen drives*, câmeras digitais, *smartTV's* e etc.

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) são mídias utilizadas por uma variedade de pessoas que buscam por entretenimento, informação, interatividade, respostas rápidas e outras facilidades. Essas ferramentas estão disponíveis nas mais diversas formas: computadores, *tablets*, *smartphones*, *notebooks*, consoles de *videogame* e etc. É preciso estar atento para a diferença de TDICs com TICs (Tecnologias de informação e comunicação); diferentemente das TDICs, as TICs são tecnologias onde o “digital” não faz parte, portanto, exemplos de TICs são: cartas, jornais, radiola, e etc.

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação surgem da evolução das Tecnologias de informação e comunicação, no âmbito da terceira revolução industrial. Com o rápido desenvolvimento das indústrias, grandes mudanças foram ocorrendo, como, por exemplo, o avanço da robótica, que tinha como finalidade acelerar os processos de fabricação nas indústrias.

Com o objetivo de adquirir, conduzir e compartilhar, de forma rápida e precisa, as informações através da televisão, dos meios de telecomunicação em geral e, claro, pela internet, a tecnologia deu um enorme salto. A partir daí, o que era apenas Tecnologia de Informação e Comunicação, passa a ser Tecnologia Digital de Informação e Comunicação. Tudo isso deve-se ao avanço da humanidade.

Somos seres dotados da capacidade de avançar nas demais áreas do conhecimento (ciência, teologia, exatas, linguagens e etc.), afinal, o avanço surge de uma necessidade e, quanto mais precisamos, mais pesquisamos, mais aprendemos, mais evoluímos e mais avançamos.

Nada, portanto, nos impede de pesquisar novas metodologias e evoluir as práticas de ensino, gerando, desse modo, um avanço no aprendizado. Um aprendizado do futuro, diferente,

dinâmico, de qualidade e maior eficácia. Seguindo a lógica de que, com o avanço da tecnologia, as nossas vidas mudaram para melhor, com o avanço do aprendizado não seria diferente.

## 2.2 AS TDICs NO APRENDIZADO

Como proferido acima, as tecnologias dispõem de ferramentas que proporcionam a interatividade, diversas informações completas e rápidas e uma grande variedade de entretenimento. Todos esses mecanismos derivados da tecnologia são essenciais para transformar o método de ensino atual; como exemplo desse processo de transformação, temos o projeto pioneiro na Bahia chamado EMITEc (Ensino Médio com Intermediação Tecnológica), que se tornou uma política pública e tem como objetivo viabilizar o estudo do ensino médio para jovens e adultos, que moram em localidades longínquas e possuem difícil acesso às unidades escolares que ofertam o ensino médio, através de equipamentos tecnológicos.

Sabemos que, em algumas escolas, um professor aqui e ali já adota as “práticas tecnológicas de ensino” – termo criado por mim para caracterizar o uso das novas tecnologias em prol do aprendizado –, mas, ainda que já existam professores que fazem o uso de recursos tecnológicos em sala de aula – como por exemplo o *datashow* e *slides* – a realidade continua sendo lamentável, pois as escolas ainda não adotaram o uso da tecnologia em si como uma ferramenta atualmente indispensável tanto para o professor quanto também para o aluno.

Fazer o uso do *datashow* e de *slides* não carimba o problema como resolvido, principalmente no ensino médio, onde o professor precisa lidar com adolescentes que vivem em uma geração tecnológica, em que uma apresentação em *slides* não vai despertar a atenção de um aluno que tem o mundo na palma da mão: o *smartphone*.

Moran, Masetto e Behrens (2000, p. 1-2), comentam:

Na sociedade da informação todos estamos reaprendendo a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar e a aprender; a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social. Uma mudança qualitativa no processo de ensino/aprendizagem acontece quando conseguimos integrar dentro de uma visão inovadora todas as tecnologias: as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais.

Sim, é preciso inovar. Faz-se necessário o uso de mecanismos que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação oferecem, e não me refiro à apenas um *datashow* e *slides*, é preciso ir além e modernizar o ensino. Refiro-me ao uso dos *smartphones* dentro da sala de aula, ao uso da *Internet* no espaço escolar, ao uso dos computadores, à adoção de

atividades lúdicas e de redes sociais para o compartilhamento de ideias, para a troca de saberes e, não menos importante, para a prática social, proporcionando a integração sem distinção, que é justamente o que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional defende.

Com a *Internet* e toda a tecnologia que a acompanha, pode-se trabalhar, em sala de aula – e também fora dela –, a aprendizagem colaborativa.

A aprendizagem colaborativa, como o próprio nome já pressupõe, é uma metodologia de ensino que estimula a colaboração, interação e a participação ativa dos alunos. O antigo esquema de memorização para ser aprovado na avaliação escolar não se aplica mais nessa modalidade de aprendizagem, pois o que passa a entrar em questão aqui é o processo de investigação; é desenvolvida, nesse método colaborativo, uma aprendizagem proativa e em grupo.

Um dos principais benefícios da aprendizagem colaborativa é contribuir com o amadurecimento, desenvolvimento pessoal e profissional do educando. Aqui, o aluno estará de cara com um novo processo de aprendizagem. O conteúdo não será mais filtrado pelo professor e memorizado pelo aluno de forma metódica; nessa nova abordagem, o estudante receberá as orientações necessárias do docente e, utilizando ferramentas digitais, será encorajado a pesquisar na rede sobre o assunto que está sendo indagado em sala de aula e a debater sobre este assunto com o grupo de pesquisa no qual está inserido, compartilhando e compreendendo ideias de outros colegas por meio de grupos das redes sociais, *blogs* e etc. Este espaço dinâmico de aprendizagem colaborativa, onde as TDICs são as principais ferramentas, é chamado de Ciberespaço.

Sobre o Ciberespaço, Lévy (1999, p. 17), comenta:

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Dentro do ciberespaço existe uma memória de produção coletiva, também chamada de “inteligência coletiva”, que, Para Lévy (2003, p. 28), é “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”, ou seja, inteligência coletiva pode ser entendida como sendo aquela que é compartilhada entre todos os indivíduos, independente de espaço geográfico, condição social, raça, religião e etc.; não há restrições. O saber está na própria

comunidade de internautas, onde todos podem produzir e distribuir conhecimento; não há ninguém que seja inoperante nesse contexto, todos são livres para produzir conteúdo de maneira singular.

Portanto, as TDICs abrem portas para o ciberespaço, permitindo a conexão e a interatividade entre os estudantes, o que, conseqüentemente, contribui na construção de um sujeito epistêmico.

Nesse contexto tecnológico, onde os indivíduos vão trabalhar na análise de informações e onde os sujeitos e objetos de conhecimento serão as próprias comunidades humanas, em que lugar e como entra o professor? Será que, nesse âmbito, ter um professor em sala de aula ainda será importante?

### 2.3 O PAPEL DO PROFESSOR NESSE NOVO CONTEXTO

Betts (1998, p. 26) discorre sobre o fato de que estas tecnologias educacionais sem um objetivo concreto são inválidas; ele afirma:

Não podemos isolar a tecnologia do conjunto da prática educativa, porque, por si só, é burra. Existe a necessidade de intervenção de uma ação docente para que ocorra a construção do conhecimento. Nós, seres humanos, somos por natureza seres aprendentes e, conscientemente ou não, os facilitadores da construção do nosso próprio conhecimento.

O comentário feito por Betts deixa nítido que o docente não será descartado, muito pelo contrário. A tecnologia não fará todo o trabalho; na verdade, ela será usada pelos professores e alunos para facilitar e aprimorar os processos de ensino-aprendizagem, e para que se obtenha êxito, deve-se haver uma orientação do educador e um “saber manusear” do aluno. Com a inserção das tecnologias nas práticas de ensino/aprendizagem, uma nova porta é aberta para o professor, oferecendo-lhe o mesmo cargo mas com objetivos diferentes, de modo a remodelar a metodologia. A presença do professor continuará sendo de extrema importância nesse contexto, não há dúvidas sobre isso. Em entrevista à Agência Focruz de Notícias, Levy (2015, s.p) afirma que “a *Internet* não é uma solução mágica. Ela nunca substituirá o entusiasmo, o trabalho e as políticas públicas sólidas”. Para atestar ainda mais a minha fala sobre a importância do professor, Nogueira (2010, s.p) explica sobre esse assunto em uma de suas palestras, afirmando que “[...] não é a ferramenta tecnológica sozinha que irá resolver as questões da aprendizagem, mas sim o quê e como trabalhamos com ela. Se a metodologia não

for alterada, não há milagre tecnológico que possa dar conta de todos os problemas educacionais”.

Com as TDICs fazendo parte das salas de aula, a aprendizagem torna-se autônoma e mais centralizada no aluno, onde o papel do professor muda de instrutor e detentor do saber para mediador do processo de ensino-aprendizagem, a fim de permitir que os alunos façam escolhas que atendam a seus interesses e necessidades, e se tornem responsáveis pela construção de seu conhecimento.

Portanto, o pensamento empirista que aponta para o fato de que o conhecimento vem unicamente da experiência humana – professor, o experiente, dotado de conhecimento – passa a ser substituído pelo pensamento construtivista ou interacionista, que defende a ideia de que o conhecimento surge da interação do sujeito com o objeto. Claro que, para haver a aprendizagem colaborativa, o aluno precisará ter uma bagagem de saberes indispensáveis para manusear e navegar nas ferramentas digitais com eficiência; ele precisará ter conhecimento de idiomas estrangeiros, especificamente o inglês, visto que esse é o idioma que mais predomina na *Internet*. Os alunos devem estudar e compreender as referências básicas e aprenderem a pensar por si mesmo antes de serem apresentados ao ciberespaço.

Os educadores também necessitam mergulhar na cibercultura – que, para Lévy (1999, p. 17), é o “[...] conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” – para compreender o universo dos estudantes. Ademais, Lévy ressalta que os professores precisam fazer o uso das ferramentas virtuais em prol da educação, explorando suas particularidades e dando mais abertura para que os alunos participem, de forma ativa, do processo de ensino-aprendizagem.

Os jovens possuem uma facilidade incrível para aprender a manusear todos os apetrechos digitais atuais, logo, os professores precisam conhecer tão bem quanto os seus alunos e, para que isso ocorra, o educador precisa se capacitar, afinal, um professor só pode ensinar aquilo que ele compreende. O professor precisa estar 100% imerso nessa nova cultura digital para que ele consiga obter bons resultados em suas aulas.

Para que toda essa transformação metodológica ocorra dentro da sala de aula, deve-se haver um conjunto de conhecimentos básicos, que seria uma base disciplinar, um preparo e um certo amadurecimento do aluno. Por exemplo, os jovens precisam aprender não só como mas, principalmente, quando utilizar pedagogicamente um *smartphone* dentro da sala, manuseando-o conscientemente, de forma que não atrapalhe a turma com músicas ou quaisquer sons em meio à aula. É uma disciplina que precisa ser ensinada pelos pais e, também, desde a escola

primária, para que, quando chegar no ensino médio, o aluno tenha em mente que o *smartphone* não é apenas um aparelho de entretenimento, e sim um instrumento de estudo que o auxiliará na aprendizagem; é como se o aparelho, naquele ambiente escolar, entrasse no lugar do livro tradicional.

De fato, a substituição das antigas ferramentas de leitura vem se tornando uma realidade cada vez mais abrangente, visto que o contato com a tecnologia dá lugar para o surgimento dos textos multimodais. Muitas escolas já adotaram o uso de *tablets* em sala de aula; de acordo com a pesquisa TIC Educação (2018, s.p), que faz um levantamento de informações a respeito da influência das tecnologias em escolas públicas e privadas, foi apontado que “94% dos professores ouvidos acreditam que o uso de tecnologias permite o acesso a materiais didáticos mais diversos e de melhor qualidade.”; a pesquisa ainda afirma que “As novas tendências educacionais têm ajudado as escolas a se aproximarem dos alunos, a melhorarem o aprendizado e a atualizarem os processos pedagógicos”.

### **3 AS TDICs NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA**

Com o avanço da tecnologia foi possível o desenvolvimento da *Internet*, tendo essa sido extremamente importante para o que chamamos hoje de “globalização”. É óbvio que não começou com redes interligadas, como é hoje. A *Internet* sai de uso exclusivamente militar e evolui para a *web 1.0* em meados dos anos 90, trazendo sites de conteúdo estático e com pouca interatividade dos usuários. Nessa época, prevaleciam o comércio, os sites de empresas e instituições cheios de páginas “em desenvolvimento”. Nessa primeira fase, a *web* é conhecida como a “*Internet* das empresas”.

Com o surgimento da *web 2.0*, que já podemos chamar de “era social”, as mídias sociais colaborativas começaram a surgir com força, como por exemplo: os *blogs*, *chats* de bate papo, Orkut, *youtube*, Wikipédia e etc. Aqui, na *web 2.0*, a humanidade encontra-se conectada, todos passam a ter voz e essa voz passa a ser escutada por pessoas de diferentes localidades do mundo. É na *web 2.0* que nasce o ciberespaço que conhecemos hoje. É aqui que entra a interatividade, é onde surge a comunidade universal. A partir daqui, já temos total acesso ao mundo.

Com tamanha facilidade de interação e, claro, de se conectarem a diversas formas de entretenimento, os jovens têm cada vez mais utilizado as TDICs. Para se ter uma ideia do quanto isso é real, uma pesquisa divulgada pelo Comitê Gestor da Internet (2015, s.p) revela que “82% dos jovens entre 9 a 17 anos entram na rede por telefones móveis, enquanto 56% navegam em dispositivos fixos”.

Nesse âmbito da globalização, quando o professor de inglês passa a adotar as TDICs dentro da sala de aula, certamente ele só tem a contribuir com o aprendizado dos seus educandos, tendo em vista que as mesmas oferecem situações que demandam um maior uso da língua inglesa – diferente das simples situações desenvolvidas em sala de aula – estimulando, no aluno, a prática e, conseqüentemente, a participação ativa.

Para que o ensino da língua inglesa tenha maior eficácia dentro da sala de aula, o professor precisa fazer com o que o aluno entenda a importância que o inglês tem em sua vida. Em outras palavras, o educador não simplesmente aplicaria a sua aula, mas, também, mostraria ao aluno onde e como tal aprendizado pode ser aplicado em seu contexto social. Para isso, faz-se necessário duas coisas: obviamente o uso da *Internet* no ambiente escolar e atividades que aproximem o aluno da ideia de que unir o inglês à tecnologia torna possível a sua conexão com o mundo. Fox (1998) discorre sobre o fato de que grande parte do conteúdo que está disponível na *Internet*, está em inglês, e que, dessa forma, quem acessa tais conteúdos percebe a utilidade em querer aprender o idioma.

O docente deve estar atento, principalmente, ao uso das redes sociais. A rede social pode ser usada como uma ferramenta imprescindível para o aprendizado de novas línguas porque, além de proporcionar ao aluno a interatividade com pessoas de diversas partes do mundo, proporciona o contato direto com palavras de outros idiomas, sobretudo o inglês; temos o *Facebook*, o sistema de mensagens do *Instagram* chamado *direct*, além dos seus famosos *stories*; existe também o *WhatsApp*, temos o *chat* e entre diversas outras palavras. O mais incrível é que não se limita somente ao contato entre idiomas, mas abre portas para o enriquecimento cultural através da interação, sendo isto parte do eixo “dimensão intercultural”, que foi proposto pela BNCC.

Muito se fala que, para aprender um outro idioma, deve-se manter o contato diário com a língua, e as redes sociais oferecem isso 24 horas por dia, de domingo a domingo. Isso leva a uma modalidade de aprendizado fora do espaço escolar, onde o protagonista do conhecimento passa a ser o próprio aluno, que está aprendendo através de uma interatividade que ele está propiciando a si mesmo.

Sobre essa interatividade, Menezes (2010, p. 122) comenta:

Os sistemas de comunicação evoluem com extrema rapidez e essa dinâmica é parte da vertiginosa modernidade em que estamos imersos. Não podemos nos deslumbrar com essas novidades ou ficar apreensivos pelo perigo de que substituam nossa função de educar. Mas não devemos ignorar as possibilidades que eles abrem para aperfeiçoar nosso trabalho, como o acesso a sites de apoio e atualização pedagógica ou a programas interativos para alunos com dificuldades de aprendizagem.

Seguindo o raciocínio de Menezes, o professor deixa o papel – historicamente arquetizado – de centralizador do conhecimento para se tornar um incentivador da inteligência coletiva, aperfeiçoando e promovendo um aprendizado contínuo e em grupo; ou seja, o espaço escolar deixa de ser o único ambiente de estudo, pois, com o incentivo e, principalmente, orientações do professor. O aluno poderá manter um aprendizado constante, seja em casa assistindo um filme legendado – solicitado pelo professor – e, daquele filme, destacar expressões utilizadas no dia a dia, seja jogando vídeo game e fazer um vocabulário com palavras que estão presentes no jogo para apresentar à turma na aula seguinte, ou até mesmo interagindo em um grupo de *WhatsApp* – criado e administrado pelo professor –, onde os alunos poderão conversar em inglês com os colegas, trocar ideias, tirar dúvidas, errar e acertar, compartilhar conquistas, avançar na pronúncia através do envio de áudios e etc. São inúmeras as possibilidades.

As TDICs proporcionam duas outras grandes vantagens para alunos que querem expandir o seu conhecimento no inglês para além do que é visto na sala de aula, e essas vantagens são: o sistema de EAD (Educação a Distância) e o AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem). A tecnologia avançou tanto que, hoje em dia, é capaz de levar uma sala de aula virtual para o aluno, independentemente de onde ele esteja. Existem vários sites que oferecem aulas de inglês. A plataforma de *streaming* mais conhecida da *Internet* hoje em dia é o *Youtube*, lançado em 2005, com mais de um bilhão de usuários, e que hoje dispõe de uma quantidade imensa de vídeos. Existe uma frase que até já se tornou popular: “Não sabe? Pesquisa no *Youtube*”. O site oferece vídeo-aulas das mais diversas áreas do conhecimento: física, história, filosofia, gramática, idiomas (sim, não só o inglês; existem vídeos que ensinam francês, alemão...), geografia e etc. A *Internet* não só nos oferece acesso ao mundo, como também nos oferece uma vasta quantidade de conhecimento. Um *smartphone*, conectado à rede, por exemplo, torna-se um portal para um mundo de conteúdo, tudo isso na palma da mão, e isso é absolutamente espetacular. Há alguns anos atrás isso não existia.

Uma outra forma de aprender Inglês que as TDICs nos proporciona, e que, ultimamente, vem se tornando algo bastante popular, principalmente entre os jovens, são os *podcasts*. O que são *podcasts*? Trata-se de um conteúdo em formato de áudio. Basicamente, é a junção de um *e-book* com um rádio, ou seja, um conteúdo que você não precisará ler, e sim escutar.

Às vezes, o aluno possui uma vida bastante agitada pois, além de estudar, ele precisa trabalhar. Fazendo o uso das TDICs nas práticas de ensino-aprendizagem, teremos alternativas de estudo para oferecer a este aluno. Ele poderá exercitar o inglês, ainda que possua pouco tempo, fazendo o uso de *podcasts* solicitados pelo professor. É rápido e prático, basta dar *play*

e ouvir, dando flexibilidade ao aluno para que ele possa fazer outras coisas enquanto escuta o conteúdo. *Podcasts* trabalham a oralidade do estudante, além de sensibilizar a sua audição para com idioma estudado. Com isso, ele se fará entender melhor e entenderá melhor quando estiver conversando com alguém em inglês.

Sim, adotar o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, uni-las à criatividade do professor, compreender o contexto social e atender aos interesses do aluno, proporcionará um avanço imensurável no ensino da língua inglesa. Claro que existem regras.

Para Windeatt (2000), requisitos básicos são necessários para que o uso da *Internet* no aprendizado seja bem sucedido. Um desses requisitos é que o professor deve ser crítico, pois, na *web*, qualquer indivíduo tem a liberdade de publicar qualquer conteúdo, o que leva à acreditar que muita informação que circula nos sites pode não ser verdadeira, sendo necessário, desse modo, expandir o senso crítico para saber investigar e avaliar a informação, habilidade indispensável a educadores e educandos. O professor também precisa ter curiosidade em explorar o espaço virtual, pois a *Internet* está em incessante mudança, oferecendo possibilidades para a aprendizagem de línguas nunca antes vistas. É muito importante, também, que os professores estejam preparados; deve-se examinar com antecedência os sites que serão utilizados na aula, pois as páginas virtuais tendem a se modificar, mudam para outro lugar, por vezes entram em manutenção ou simplesmente desaparecem. O professor também precisa ter atividades alternativas, caso haja algum problema técnico que impossibilite o uso dos computadores como, por exemplo, a queda da *Internet*.

Com as TDICs fazendo parte das práticas educacionais e modificando a forma de ensinar, as atividades também passam por um processo de transformação e saem do tradicionalismo – quadro, livro, caderno, caneta, perguntas e respostas –, tornando-se “atividades problemáticas”, ou, como explica Warschauer (2003), o objetivo não é fazer com que os alunos descubram a resposta correta, mas sim estimular a discussão, a escrita e o pensamento crítico dos alunos. As atividades devem ser colaborativas, de modo que os indivíduos de cada grupo tenham que interagir para alcançarem o objetivo final da tarefa; claro que, sempre com as orientações do professor.

Vale salientar que é preciso saber aliar as tecnologias digitais ao ensino e usar isso para estimular o jovem a querer aprender do lado de fora da escola. É muito fácil fazer isso considerando as possibilidades e vantagens que a tecnologia nos oferece. Ora, as ferramentas digitais nos dão acesso a um mundo cujo jovens estão totalmente imersos: o mundo da música. Todo jovem gosta de música, e isso os atrai. Aliar a tecnologia ao aprendizado, envolvendo um tema que esteja ligado aos interesses do jovem, é uma estratégia infalível.

Não é só escutar em um rádio, dentro da sala de aula, uma música pré-selecionada pelo professor; é pedir, por exemplo, para que o aluno escolha a sua música preferida e traduza para o português o trecho que ele mais gosta e compreenda as relações culturais por meio dos termos coloquiais presentes, pedir para que ele ponha a música no seu smartphone e cante em sala de aula com os seus colegas, e, por fim, fazer com que o aluno tenha a sensação maravilhosa de saber o que está ouvindo daquela sua música preferida, dessa forma, fazendo com que o jovem esteja mais imerso naquilo que ele mais gosta. Com certeza, essas práticas lúdicas, em que o aluno é o protagonista do conhecimento, no qual ele pode participar ativamente do processo de aprendizado, estimular-lhe-ão a querer aprender cada vez mais, não só dentro da escola como também fora dela.

Infelizmente, sabemos que há uma realidade a ser enfrentada nas escolas, principalmente nas escolas públicas: a desfavorável situação social na qual muito dos alunos se encontram. É um fato; em uma escola pública, numa mesma sala, haverá o aluno que possui computador em casa e haverá outro que não possui nem um celular. Isso existe, isso é real. Como aplicar, então, as práticas tecnológicas de ensino em escolas que possuem alunos que não entendem muito de tecnologia? A resposta é: inclusão digital.

Para conceituar a inclusão digital, Teixeira (2010, p. 39) diz:

[...] Assim, propõe-se o alargamento do conceito de inclusão digital para uma dimensão reticular, caracterizando-o como um processo horizontal que deve acontecer a partir do interior dos grupos com vista ao desenvolvimento de cultura de rede, numa perspectiva que considere processos de interação, de construção de identidade, de ampliação da cultura e de valorização da diversidade, para a partir de uma postura de criação de conteúdos próprios e de exercício da cidadania, possibilitar a quebra do ciclo de produção, consumo e dependência tecnocultural.

Quando o jovem é inserido no ciberespaço, ele estará fazendo parte da sociedade da informação, desse modo, evitando a exclusão social por meio do uso das TDICs, tendo um passe livre para participar da comunidade universal, expressando-se, interagindo e exercendo o seu papel de cidadão. Atualmente, existem diversos programas de inclusão digital que são apoiados pelo Governo Federal, como o Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo), Programa Casa Brasil, Computador para todos, Observatório Nacional de Inclusão Digital (ONID), Programa Estação Digital, entre outros.

Warschauer (2003) propõe linhas de ação para o uso da *Internet* no ensino de inglês. Ele propõe a imersão dupla, que discorre sobre o uso simultâneo de trabalhos para desenvolver habilidades linguísticas e letramento digital, pois nem todos os alunos – muitas vezes, devido à situação de baixa renda – possuem conhecimento digital para lidar com a *Internet*, como noções

básicas de organização de pastas, textos, envio de *e-mails*, entender os mecanismos de busca para localizar materiais e conteúdos e, principalmente, a avaliação crítica desses conteúdos, pois como a *Internet* é livre para que qualquer indivíduo possa compartilhar o que quiser, é fundamental aprender a analisar a confiabilidade da página e o conteúdo do material encontrado.

Adotar as TDCIs para o ensino da Língua Inglesa é, sem dúvida, extremamente importante, porque é através delas que nós – professores – modificaremos o ensino para melhor, proporcionando uma nova dinâmica e eficácia de aprendizado dentro das salas de aula.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A velocidade com que o mundo evolui é absurda e, a cada ano que passa, essa velocidade vem se tornando ainda mais potente. Tamanha evolução também afeta, claro, as pessoas que convivem neste mundo e, dessa forma, todos nós caminhamos lado a lado nesse processo evolutivo. O mundo evolui porque as pessoas evoluem.

Atualmente, as crianças crescem estando em constante contato com as tecnologias; aos 5 anos de idade, uma criança já sabe manusear um smartphone melhor do que uma pessoa da terceira idade. Uma nova geração precisa de uma nova abordagem, principalmente nas escolas.

É necessária uma reconfiguração no ensino da língua inglesa dentro das escolas. Perceba que não é uma alternativa, é uma necessidade. Precisamos atender à essa nova geração de crianças/jovens de acordo com o mundo contemporâneo.

Um quadro, um giz e um livro poderiam dar conta do caso, se ainda estivéssemos na década de 90, mas estamos lidando com crianças/jovens que, desde bebês, vêm brincando com jogos em *tablets* e/ou *smartphones*; estamos lidando com jovens que já não frequentam a biblioteca com tanta frequência como os jovens de antigamente, porque hoje em dia já existem livros disponíveis em formato *PDF*, existem bibliotecas virtuais e os famosos *e-books*, além dos já mencionados *podcasts*.

É fato que as pessoas evoluem, o mundo evolui e, não podendo ficar de fora, o sistema educacional também precisa evoluir. Não dá mais para enxergar o celular como sendo o vilão nas salas de aula, tal como fazíamos há alguns anos atrás; devemos enxergá-lo como sendo o nosso novo aliado, porque ele é.

As mídias tecnológicas trazem consigo uma gama de atividades lúdicas, conteúdos e outras ferramentas que proporcionam maior eficácia no ensino-aprendizado da língua inglesa. Criando essa atmosfera moderna dentro das salas de aula, “atualizando” a forma como se ensina

um novo idioma, é garantia de que as aulas de inglês nas escolas nunca mais serão as mesmas e, quem sabe, podendo até abrir espaço para uma geração bilíngue.

## REFERÊNCIAS

BETTS, Davi Nelson. Novos paradigmas para a educação. *Revista do Cogeime*, São Paulo, v.13, s.p., 1998.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9.394/1996, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p. 27.833, 23.dez.1996.

FOX, Gerald. The Internet: Making it Work in the ESL Classroom. *The Internet TESL Journal*, n. 9, s.p., 1998. Disponível em < <http://iteslj.org/Articles/Fox-Internet.html>> Acesso em: 08.fev.2019.

FRANÇA, Luísa. Tecnologia na sala de aula: 5 novidades que já estão nas escolas. *Somos par*, 25.abr.2018. Disponível em: <<https://www.somospar.com.br/tecnologia-na-sala-de-aula-5-novidades-que-ja-estao-nas-escolas/>> Acesso em: 10.fev.2019

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva*. Por uma antropologia do ciberespaço. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34. 1999.

LÉVY, Pierre. Cultura de comunicação de rede não pode ser feita sem uma boa educação. *Agência Fiocruz de Notícias*, 26.ago.2015. Entrevista a nome de Danielle Monteiro. Disponível em: < <https://agencia.fiocruz.br/cultura-de-comunicacao-de-rede-nao-pode-ser-feita-sem-uma-boa-educacao>> Acesso em: 06.fev.2019.

LÉVY, Pierre. Internet e Escola de Mãos Dadas. *Revista Gestão Educacional*, Brasília, 16.abr.2018. Entrevista a nome de Marcela Mazetto. Disponível em: <<https://www.gestaoeducacional.com.br/internet-e-escola-de-maos-dadas/>> Acesso em: 04 fev.2019

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da Inteligência*. O futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo. Editora 34, 2004

MELLO, Daniel. Celular é usado por 82% das crianças e adolescentes para acessar internet. *Agencia Brasil*, São Paulo, 28.jul.2015. Disponível em < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-07/celular-e-usado-por-82-das-criancas-e-adolescentes-para-acessar-internet>> Acesso em: 10.fev.2019

MENEZES, Luis Carlos de. Ensinar com ajuda da tecnologia. *Nova Escola*, n. 235. 2010. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/705/ensinar-com-ajuda-da-tecnologia>> Acesso em: 11.fev.2019

MORAN, José Manoel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. São Paulo: Papirus, 2000.

MORIN, Edgar. A educação não pode ignorar a curiosidade das crianças. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17.ago.2014. Entrevista a Andrea Rangel. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/educacao-360/a-educacao-nao-pode-ignorar-curiosidade-das-criancas-diz-edgar-morin-13631748>> Acesso em: 05 fev. 2019.

NASCIMENTO, Ana Karolina de Oliveira; GIRÃO, Dinah Lima; NASCIMENTO; Laudo Natel do. Novas Tecnologias no Ensino de Língua Inglesa. Considerações acerca das Metodologias de Ensino de Línguas. *Nome da revista*, v. 10, n. especial. 2010. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1241/1077>> Acesso em 12.fev.2019

NOGUEIRA, Nilbo. O confronto da metodologia com a tecnologia na educação. *Jornal Brasil*, São Paulo, 26.abr.2010. Disponível em: <<https://jornalbrasil.com.br/noticia/o-confronto-da-metodologia-com-a-tecnologia-na-educacao.html>>. Acesso em: 07.fev.2019

TEIXEIRA, Adriano Canabarro. *Inclusão Digital*. Novas perspectivas para a informática educativa. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

WARSCHAUER, Mark. Computer Assisted Language Learning. An Introduction. *Multimedia language teaching*, Tokyo, 27.fev.2012. Disponível em <<http://www.ict4lt.org/en/warschauer.htm>>. Acesso em: 14.fev.2019